

LUX JORNAL A Tribuna – Rio Branco - AC Publicado: 25/01/2001	190		
		94	1

Autoridades peruanas mentiram às brasileiras sobre madeira

O governador do Distrito do Juruá, no Peru, Arone Soto Bernardino e o representante do Instituto Nacional de Recursos Naturais (Inrena), também daquele país e o engenheiro agrônomo, Rolando Morales, que durante vistoria das autoridades brasileiras à Terra Indígena Ashaninka do Rio Amônia negaram a existência de autorização para a derrubada de mogno ou cedro naquela região, estavam mentindo. Prova disso é o requerimento apresentado pelo cacique, Luiz Carlos Garcia Campos, o "Careca", líder da aldeia Ashaninka de Sawawo, localizada sobre o marco 40, exatamente na fronteira entre o Peru e o Brasil e, cujas terras se estendem por 60 mil hectares já demarcadas. "Desde 99 nós solicitamos ao Inrena a permissão para trabalhar com o cedro e o caoba (mogno) e fizemos a derrubada da madeira nos meses de junho a agosto do ano passado", explica ele apresentando um relatório assinado pelos técnicos do Inrena, Christian Oliveira B. e Teodoro Savedro M. que estiveram na aldeia vistoriando as árvores derrubadas para medir toda a madeira, que por sinal, ainda nem foi retirada do local. De acordo com a ata de vistoria assinada pelos dois técnicos no dia 22 de outubro do ano passado, foram derrubadas 384 toras de mogno e 306 de cedro. Depois das medidas descobriu-se que existem 5.697,619 metros cúbicos de mogno derrubado e mais 2.665,159 de cedro. A única coisa que não ficou esclarecida é porque os técnicos do Inrena estiveram autorizando a retirada da madeira da área, se seu abate e comercialização estavam proibidos desde o início de setembro pelo Decreto Supremo 016/2000 editado pelo governo do Peru.

SOBREVIVÊNCIA Vivendo num dos pontos mais isolados do Peru e, como o Rio Amônia que passa pela aldeia não leva a nenhuma cidade nem cruza com qualquer estrada daquele país, a comunidade tem de caminhar até vilarejos próximos, ou mandar buscar produtos como sal, sabão, açúcar ou remédios, de avião. Assim, os índios de Sawawo tem de caminhar oito horas e meia até sua capital Tipisca, ou à vizinha Breu, que está a seis horas e meia dali. Podem também descer seis ou sete horas de rio, em canoa pequena com motor, até Marechal Thaumaturgo, no Acre. Foi nestas condições que a madeireira Forestal Venado encontrou a comunidade e ofereceu-se para comprar sua madeira em troca de abrir uma estrada que lhes dará acesso direto por terra até a localidade de Nova Itália, já no Rio Ucayalli de onde podem chegar facilmente em embarcações numa viagem de quatro dias até Pucallpa que é a segunda maior cidade de todo o Peru. "Nós nos reunimos e decidimos tirar a madeira de 20% da nossa reserva, o restante vamos guardar para nosso uso e dos nossos filhos. Aí então teremos a estrada e dinheiro que vamos colocar no banco para comprarmos as coisas de que precisamos para a nossa comunidade", explicou Careca. De acordo com ele, a comunidade decidiu que dentre as primeiras coisas que farão com o dinheiro será a construção de uma farmácia, pois os remédios enviados pelo governo peruano são poucos em variedade e quantidade. Desejam também ampliar a escola que hoje só permite às crianças estudar até o equivalente à oitava série, no Brasil. Outro desejo é colocar soalho de madeira nas casas, que hoje tem piso de paxiúba raspada ou batida. Além do mais precisarão de um caminhão para transportar seus produtos pela estrada que será aberta. "O resto a gente tem, pois o que não plantamos buscamos na mata!", afirma um tanto orgulhoso.

SONHO DESFEITO A publicação do Decreto Supremo 016/2000 proibindo a extração de mogno e cedro em todo o Peru acabou com os planos da comunidade de conseguir as coisas que tanto desejava. "A madeira já está derrubada e nós não podemos perder esse produto, ele é o patrimônio que temos para melhorar nossa vida", declara Careca, que recebeu apoio da

LUX JORNAL A Tribuna – Rio Branco - AC Publicado: 25/01/2001			
		94	1

madeira e viajou para Lima, onde esteve com a direção nacional do Inrena e também no Congresso Nacional, onde também foi apoiado. "A direção do Inrena nos pediu dois meses para solucionar o problema, mas até agora nada foi resolvido. Queremos resolver isso, afinal de contas esse é o único recurso que nós temos, como é que vamos deixar se perder, até porque temos o direito de decidir sobre o que é nosso", argumentou ele.

NUNCA HOUVE 300 HOMENS De acordo com ele, na derrubada da madeira, trabalharam durante 60 dias quatro mateiros da madeira Forestal Venado e oito índios Ashaninka da própria Aldeia do Sawawo, sendo que cada um deles derrubava em média dez árvores por dia. "Ouvi as notícias divulgadas no Brasil dizendo que haviam pelo menos 300 madeireiros aqui, nunca houve isso, como também não temos problemas com os traficantes, pois eles não passam pela nossa comunidade porque ela é muito isolada. A estrada sim, vai passar pela região em que há os plantios de coca", esclarece.

ESTRADA SAI COM OU SEM MADEIRA A derrubada de madeira parou há pouco mais de quatro horas de caminhada da aldeia, enquanto a abertura da estrada ficou há praticamente 40 quilômetros, apesar disso a comunidade não desanimou de ter a sua saída para Pucallpa. "Assim que chegar o verão, com madeira ou sem madeira a nossa estrada continuará sendo aberta", garante Careca. Quanto à proibição de retirar as toras de mogno e de cedro da área, a comunidade já encontrou uma alternativa, vai vender agora as árvores de Cumarú Ferro, que vem alcançando ótimos preços e amplo mercado tanto em Pucallpa quanto no mercado internacional.